

# RESTITUTA VETERE LOCORUM: AS LOCALIZAÇÕES E AS APROPRIAÇÕES DAS CASSITÉRIDES NUMA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA



Pedro Albuquerque<sup>1</sup>

Eduardo Ferrer Albelda<sup>2</sup>

**Resumo:** O topónimo Cassitérides (ilhas do estanho) documenta-se pela primeira vez nas *Histórias* de Heródoto no século V a.C., sem que o autor proporcione uma localização precisa. Os textos posteriores mencionam um arquipélago situado junto às costas do Noroeste da Península Ibérica. Neste trabalho estudamos as possíveis fontes de conhecimento sobre estes territórios na época arcaica, no contexto da configuração de uma “geografia dos recursos”, bem como a receção destes textos na historiografia moderna. Esta, por sua vez, caracteriza-se pela elaboração de discursos nos quais se reivindica a pertença destas ilhas a Inglaterra (Ilhas Scilly) ou à Galiza, partindo da exegese das fontes e de propostas de etimologia, quer do topónimo, quer de palavras relacionadas. Discutem-se, em último lugar, os dados arqueológicos recentemente analisados no Projecto Estrímnides, que reforçam a hipótese de que estas ilhas se localizavam nas costas galegas.

**Palavras-chave:** Cassitérides, Projeto Estrímnides.

**Abstract:** The Place name Cassiterides (Tin Islands) is mentioned for the first time in Herodotus' *Histories* (5th Century BC). This author does not provide a precise location, but later texts locate these islands in front of the Northwestern Iberia's coast. In this paper we analyse the possible sources of acquaintance about these territories in the Archaic period, within the context of a “Geography of the Resources”. We also analyse the modern reception of those texts, where it is stated that the Cassiterides were located on the Scilly Islands or in Galicia. These hypotheses were based on the exegesis of literary sources, as well as on the etymology of the Place name and related words. We discuss the archaeological data recently studied within the Estrimnides Project, which reinforce the idea that the Cassiterides were located on the Galician shores.

**Keywords:** Cassiterides; Estrimnides Project.

1 Doutor em História, especialidade em Arqueologia. Faz pesquisa em Proto-história da Península Ibérica, tanto na vertente textual como arqueológica. Atualmente atua como pesquisador Bolseiro na FCT, Uniarq e Universidade de Sevilla, com um projeto sobre o povoamento proto-histórico e património na fronteira hispano-portuguesa do Baixo Guadiana. Para demais obras do autor, consultar: <https://lisboa.academia.edu/PedroAlbuquerque>. E-mail: [albuquerque@us.es](mailto:albuquerque@us.es); [pedro.albuquerque@campus.ul.pt](mailto:pedro.albuquerque@campus.ul.pt).

2 Eduardo Ferrer Albelda trabalha atualmente no Departamento de Pré-História e Arqueologia da Universidade de Sevilla. Eduardo faz pesquisa em Historiografia e Arqueologia. A publicação mais recente é “Mudança cultural e transformação de paisagens do vale do baixo Guadalquivir entre a República e o Império”. Para consultar demais publicações do autor: <https://us.academia.edu/EduardoFerrer>. E-mail: [eferrer@us.es](mailto:eferrer@us.es).



**Resumen:** El topónimo Casitérides (islas del estanho) se documenta por primera vez en Heródoto en el siglo V a.C. sin una localización precisa. Los textos posteriores mencionan un archipiélago situado frente a las costas del noroeste de la Península Ibérica. En este trabajo se estudian las posibles fuentes de conocimiento sobre estos territorios en época arcaica en la configuración de una “geografía de los recursos”, así como la recepción de estos textos en la historiografía moderna. Ésta se caracteriza por la elaboración de discursos en los que se defiende la pertenencia de estas islas a Inglaterra (islas Scilly) o a Galicia, partiendo de la exégesis de las fuentes y de propuestas de etimología del topónimo y palabras relacionadas. Se discuten, por último, los datos arqueológicos recientemente analizados en el Proyecto Estrímnides, que refuerzan la hipótesis de que estas islas se localizan en las costas gallegas.

**Palabras clave:** Casitérides, Proyecto Estrímnides.

## I. INTRODUÇÃO

*“Quanto às [partes extremas] da Europa, para ocidente, nada posso dizer com segurança. [...] Muito menos conheço as ilhas Cassitérides, de onde trazem o estanho.”*

(HERÓDOTO, *Histórias*, III, 115, trad. J.B. Broca, 1950)

Heródoto foi, no século V a.C., o primeiro autor a mencionar umas ilhas que se localizavam algures nos confins ocidentais do mundo e que eram um lugar de produção ou abastecimento de estanho. A falta de informações complementares dentro das *Histórias* não permite ir mais além da constatação de que o autor de Halicarnasso duvidava da existência dessas ilhas. Tal como outros espaços insulares (as Ilhas dos Bem-aventurados ou Afortunadas), as Cassitérides foram identificadas em vários lugares pelos autores clássicos, mas sobretudo por aqueles que, séculos depois, usaram estes textos como instrumento de reivindicação do prestígio dos passados pátrios. O presente trabalho analisa, pois, tanto os problemas que os textos conhecidos colocam ao nível do que chamamos “geografia dos recursos”, como os principais argumentos de uma longa tradição exegética sobre o que se poderia definir como um “topónimo errante”. No entanto, mais além dos textos e da sua hermenêutica, recentes estudos arqueológicos revelaram que territórios como a Galiza fizeram parte das rotas comerciais controladas pelas comunidades do sul da Península Ibérica.

A chegada dos primeiros manuscritos de geografia e dos itinerários antigos foi, neste contexto, determinante para a publicação das primeiras corografias modernas e do Atlas de Abraão Ortélio, que procurou obter de vários eruditos europeus informações sobre as paisagens da antiguidade. Foi neste



contexto que o sábio de Antuérpia contactou com William Camden, um intelectual inglês que publicou, em 1586, uma obra monumental que procurou relacionar, no terreno, o passado e o presente através de uma minuciosa leitura das fontes clássicas. É, precisamente, em *Britannia* que surge a primeira tentativa sistemática da localização das Cassitérides nas ilhas Scilly ou Sorlingas, no Sudoeste das ilhas britânicas, interpretação que ganhou bastantes adeptos na historiografia posterior.

As reações a esta proposta surgiram com os autores galegos no século XVIII, que reivindicaram para os seus territórios aquele topônimo, mas alguns fatores (entre eles, obviamente, a língua, bem como o prestígio de Camden) levaram a que não se valorizassem devidamente os argumentos apresentados, que aliás iam ao encontro do que, séculos antes, o próprio Abraão Ortélio defendera. Basta dizer, para reforçar estas afirmações, que G. Bonsor, entre 1899 e 1902, levou a cabo uma exploração arqueológica nas Sorlingas em busca das Cassitérides, seguindo propostas de autores como Reinach ou Rhys, revelando que essa era a *communis opinio* (HERRERA DELGADO, 2019; ALBUQUERQUE e FERRER ALBELDA, 2019).

A análise desta longa trajetória historiográfica obriga a um esforço de síntese que resultará, nas próximas páginas, numa breve exposição sobre as Cassitérides nas fontes literárias, procurando identificar as razões que conduziram à formação e transmissão deste topônimo. A análise de um relativamente pequeno conjunto de textos foi, por sua vez, determinante para o desenvolvimento dos mencionados discursos de apropriação, o que justifica uma reflexão crítica sobre esta trajetória historiográfica, sobre a “geografia dos recursos” que parece ter originado a representação das Cassitérides e, por último, sobre o recente contributo da arqueologia para a reconstrução das rotas atlânticas que chegaram à Galiza na Idade do Ferro.

## 2. AS CASSITÉRIDES NAS FONTES LITERÁRIAS

Os textos sobre as “ilhas do estanho” podem dividir-se em dois grupos, o primeiro dos quais representado por Heródoto (**Histórias** III, 115), que exprime ceticismo e desconfiança em relação à real existência das Cassitérides. O segundo é composto por testemunhos de época tardo-helenística e romana, que têm em comum a localização geográfica daquele topônimo junto às costas do Noroeste peninsular (Diodoro, **Biblioteca Histórica**, V, 38, 4; Estrabão, **Geografia**, III, 2, 9; 5, 11; Plínio, **História Natural**, IV, 119; Mela, **Corografia**, III, 47; Ptolomeu, **Geografia** II 6, 73; Solino, **Colectânea** IV, 12).



Parece fora de questão a existência de uma tradição grega que foi transmitida por Heródoto (mas que era, seguramente, anterior) em meados do século V a.C. e que localizava no Atlântico umas ilhas, reais ou lendárias, cujo nome se relacionaria com o estanho (cf. *infra*, “considerações finais”). O autor assume a sua ignorância sobre os extremos ocidentais do mundo, os quais não conheceu por *autopsia* ou através de testemunhas diretas. A ausência de um *logos* dedicado ao Extremo Ocidente na obra herodotiana justifica-se pelo fato de estar fora do âmbito histórico e geográfico no qual as *Histórias* se movem (ALONSO-NÚÑEZ, 1987, p. 249; NENCI, 1990, p. 301; GÓMEZ ESPELOSÍN, 1993, p. 155; DE HOZ, 2010, p. 222). Porém, o autor usou informações sobre o Ocidente noutras passagens da sua obra, quer sobre rios como o Istro (Danúbio: II, 33; IV, 49), quer sobre os Celtas e os Cinésios/ Cinetes (ambos mencionados como os mais ocidentais: II, 33) quando os interesses da narrativa justificavam (cf. NENCI, 1990, p. 305). Estes, por sua vez, são também mencionados por Heródoto de Heracleia (FGrH 39, fr. 2a), indicando que Hecateu pode ter sido uma fonte comum.

O conjunto de referências herodotianas ao Extremo Ocidente contradiz a ideia de que a incredulidade em relação a estes territórios resulta da falta de *autopsia*. Os vários exemplos que podem ser trazidos à colação indicam que o autor se baseou tanto em informações orais recolhidas entre os habitantes das cidades que conheceu (sobre o Ocidente, por exemplo, Samos e Foecia), como em fontes escritas, entre elas a *Periegesis* de Hecateu de Mileto, a qual critica implícita e explicitamente (WEST, 1991, *passim*; GÓMEZ ESPELOSÍN, 1993b, p. 131; cf. FERRER ALBELDA e ALBUQUERQUE, 2019). Para os propósitos desta reflexão importa destacar o uso desta obra, começando por assinalar o uso das Colunas de Hércules como limite geográfico por Heródoto (*Histórias* I, 202; IV, 42-43; 152, 181 e 184; VIII, 13), do mesmo modo que o seu predecessor quando se refere a cidade de Cálate e ao *ethnos* mastieno (respectivamente, FGrH 1, frs. 39 e 41; FERRER ALBELDA e JIMÉNEZ DELGADO, 2015, *passim*)<sup>3</sup>.

3 Entre Hecateu e Heródoto, destaca-se a representação das Colunas como limite intransponível para a navegação por Píndaro (*Olímpicas*, III, 41 – 44; *Nemeia*, III, 20; IV, 69; *Ístmicas*, III, 21-29), também conhecido por Heródoto (*Histórias*, III, 38, 4). É pouco provável que Heródoto se tenha baseado em Píndaro, uma vez que não se vislumbram vestígios de alegoria mitológica ou simbolismo nestas referências. Veja-se, a título de exemplo, Amiotti (1987, p. 13ss.), que associa esta ideia à proibição cartaginesa à navegação mais além do Estreito de Gibraltar; *contra* Domínguez Monedero, 1988, *passim*; sobre os mitos gregos das áreas liminares, cf. BALLABRIGA, 1986; CARRIÈRE, 1995; Gómez Espelosín, 1999, p. 63-64; Albuquerque, 2010, p. 43ss.. Sobre as informações orais recolhidas por Heródoto, cf. Albuquerque, 2009, *passim*; FERRER ALBELDA e ALBUQUERQUE, 2019.



Heródoto faz parte de um contexto intelectual marcado pela perda de importância, durante o século V a.C., da Geografia iónica e dos temas que esta tratou, o que parece relacionar-se com a deslocação do epicentro científico para Atenas e o consequente retrocesso dos estudos geográficos (cf. LANZILLOTTA, 1988, p. 20-23; LÓPEZ EIRE, 1990, *passim*; FOWLER, 1996, p. 62-87; TSIOLIS, 1997, p. 27). Por outras palavras, a âmbito cultural iónico, sintetizado na figura de Hecateu, foi substituído pelos modelos de civilização e interesses atenienses, o que significou também uma crítica ao autor pela sua posição “filobárbara” (De Sanctis, 1993, p. 14-15; NENCI, 1949, p. 107-117; FERRER ALBELDA e ALBUQUERQUE, 2019, com bibliografia).

Isto explica a crítica herodotiana aos geógrafos iónios, apesar de se notar uma inspiração que o próprio autor não parece admitir (NICOLAI, 1997, p. 144; GÓMEZ ESPELOSÍN, 2013, p. 37), a tal ponto que foi acusado de plagiar Hecateu por autores posteriores (HERMÓGENES, *Id.* II, 12; EUS. PE. X, 3; 466b; SUDA ε, 360, s.v.; TOZZI, 1966, p. 41-46; WEST, 1991, p. 144-160; Fowler, 1996, p. 62-87; NICOLAI, 1997, p. 144-145; ALGANZA, 2012, p. 71). Neste contexto, Heródoto terá sido responsável por problematizar as fontes disponíveis no seu tempo para o conhecimento do Extremo Ocidente, justificando a imagem anedótica destes espaços na sua obra. Estas alusões acabam por fazer sobressair uma dependência entre a herança iónica e o método histórico do autor de Halicarnasso (cf. LATEINER, 1989), visível nos comentários críticos que introduz no seu texto sobre vários temas geográficos, assim como no uso ocasional de informações atribuíveis à obra periegetica de Hecateu de Mileto. Entre estas podem estar, eventualmente, as Cassitérides, como teremos oportunidade de argumentar.

Atendendo a estes fatores, justifica-se um breve apontamento sobre a *Periegesis*. Esta obra surge da formação da Geografia, da Etnografia e da Cartografia como disciplinas propriamente ditas durante o século VI a.C. na Ásia Menor, no contexto do crescimento do imperialismo persa (MOLINA MARÍN, 2010, p. 75-84). Estas circunstâncias, às quais se junta a submissão dos iónios ao reino Aquemênida, foram os principais ingredientes para a consolidação de interesses universalistas que levaram à promoção de viagens de exploração e reconhecimento dos territórios situados mais além das fronteiras persas. Efetivamente, os primeiros geógrafos ou periplógrafos gregos (Anaximandro, Hecateu – de Mileto –, Cílix de Carianda e Ctésias de Cnido) pertenciam a cidades controladas pelos persas ou estiveram ao serviço do Grande Rei (GONZÁLEZ PONCE, 1997, *passim*; 2008, p. 56), promovendo-se o conhecimento de territórios distantes com o intuito de descobrir novas rotas de navegação e identificar fontes de obtenção de recursos (exemplificado,



sobretudo, pela viagem de Cílix; sobre o papel de Mileto neste processo, cf. FERRER ALBELDA e ALBUQUERQUE, 2019).

No que diz respeito, por exemplo, ao Ocidente, as principais fontes de terão sido os exploradores, viajantes e comerciantes gregos, que adquiriram informações sobre estes espaços, quer diretamente, quer indiretamente através de fenícios de origens diversas (Cartago, Gadir, Ebuso ou Mozia). Este aspecto é evidenciado também por Heródoto quando se refere aos Cartagineses como transmissores de conhecimentos sobre a África atlântica (IV, 196; FERRER ALBELDA, 2008, p. 57-58).

Por outro lado, a experiência colonial e comercial de Mileto desencadeou uma atividade econômica, cultural e artística sem precedentes, que acompanhou uma nova percepção do espaço geográfico e, conseqüentemente, da identidade e da alteridade. A *Periegesis* de Hecateu é um claro reflexo deste contexto (cf. MOSCARELLI, 1993, p. 129), simbolizando o fim desta “época dourada” e o fascínio e curiosidade iónica pelas terras distantes, o que antecipa alguns aspectos fundamentais da obra herodotiana (TOZZI, 1966, p. 50) e dá continuidade a tradições intelectuais cujas bases se assentaram em autores como Tales (c. 624-546 a.C.) ou Anaximandro (c. 610-546 a.C.), ambos de Mileto (cf. FERRER ALBELDA e ALBUQUERQUE, 2019).

No que diz respeito ao Extremo Ocidente, da obra de Hecateu conhecem-se fragmentos que assinalam, sobretudo, cidades, num total de 17 entradas (THA IIA 23, que reúnem os fragmentos de Jacoby/ FG rH 1 e Nenci), entre as quais se poderiam destacar Ibila e Elibirge, assim como, possivelmente, os Cinésios. Nenhum deles se refere às Cassitérides, mas a tendência geral da sua obra no que diz respeito à atribuição de nomes a acidentes geográficos partindo dos recursos permite identificar um dos possíveis objetivos da *Periegesis* (GANGUTIA, 1999, p. 4-6; THA IIA 23, p. 151-152), corroborado, aliás, com outros exemplos que indiciam a concepção de descrições costeiras que permitiam aos navegantes o reconhecimento das paisagens e principais acidentes geográficos<sup>4</sup>.

Assim, chama a atenção a chamada “estratificação” da toponímia grega na Península Ibérica, em que se assiste a, pelo menos, três fases: século VI a.C. (Hecateu de Mileto e alguns topônimos transmitidos por Avieno), séculos IV e III a.C. (périplos) e, finalmente, II a.C., que corresponde já a testemunhos diretos dos geógrafos gregos (RODRÍGUEZ ADRADOS, 2001, p. 28; sobre

4 Partindo unicamente de exemplos da Península Ibérica, podem destacar-se as descrições da mastiena Molibdine como “a do chumbo” e de Ibila como “cidade de Tartéssia”, com “minas de ouro e prata”. Acrescentam-se, ainda, nomes de ilhas como Cremiusa (i. das cebolas), Melusa (i. “rica em gado”), Kotinoussa (i. das oliveiras silvestres, a maior das ilhas gaditanas), Ophiussa (i. da serpente, no Atlântico), Pitiusa (i. dos pinheiros, Ibiza).



a problemática cronologia dos topônimos em *-oussa*, cf. GARCÍA ALONSO, 1996, p. 119-121; MORET, 2006, p. 48). Em última instância, a atribuição do nome *Cassitérides* corresponderia à primeira fase, o que obriga a procurar respostas nas fontes prováveis de Hecateu de Mileto (uma exposição mais ampla em FERRER ALBELDA e ALBUQUERQUE, 2019), destacando-se a possibilidade de o autor ter tido acesso a informações dos próprios arquivos dos santuários fenícios, do mesmo modo que Cílix de Carianda (HEIDEL, 1943, p. 262-263), ou inclusive nas cidades iónias (Samos, Mileto, etc.), tal como Heródoto.

Como veremos, os recentes estudos arqueológicos no Noroeste da Península Ibérica autorizam a pensar em iniciativas comerciais que terão dado origem à transmissão de informações sobre umas ilhas, localizadas no Atlântico, nas quais se adquiria ou produzia estanho em troca de outros produtos. A continuidade do uso deste nome na tradição literária posterior é um indicador seguro da importância desta paisagem na mundivisão grega e romana posterior, sobretudo se se considera que, após um lapso de quatro séculos, as Cassitérides voltam a ser mencionadas na obra de Diodoro Sículo.

## 2.2. De Diodoro Sículo a Solino (séculos I a.C. – IV d.C.)

As referências às Cassitérides posteriores a Heródoto têm em comum a localização das ilhas nas costas peninsulares, embora nem sempre com a precisão que seria desejável. Uma vez que não se analisa, no presente trabalho, a presença romana na Galiza ou zonas adjacentes, é preferível expor, sem mais detalhes, o que dizem as fontes relativamente às ilhas do estanho, de modo a sistematizar o escasso conjunto de textos que os eruditos de época moderna e contemporânea tiveram à sua disposição para proceder à *restitutata vetere locorum* e reivindicar, através destas paisagens, um passado glorioso<sup>5</sup>.

### 2.2.1. Diodoro Sículo (c. 90-30 a.C.)

“Em muitos lugares da Ibéria há também estanho, que não se encontra à superfície como muitos repetiram até à exaustão nas suas histórias, mas que é extraído do subsolo e fundido como a prata e o ouro. Há muitas minas de estanho mais acima do país dos Lusitanos e nos ilhéus que se encontram no Oceano em frente da Ibéria e que por este

<sup>5</sup> Gostaríamos de exprimir o nosso agradecimento a Rita Juliana Poloni, Pedro Paulo Funari e Filipe Silva (Universidade Federal de Pelotas) pela ajuda prestada na elaboração deste capítulo. Grande parte dos textos apresentados, excepto a Geografia de Estrabão (Deserto e Pereira, 2016) não foram até agora traduzidos para Português, o que motivou a adaptação de traduções espanholas devidamente assinaladas.



### 2.2.2. Estrabão de Amásia (c. 64 a.C.-19/24 d.C.)

“[Possidónio] afirma ainda que o estanho não se encontra à superfície, como os historiadores repetem continuamente, mas que é escavado e produzido entre os bárbaros situados para lá dos Lusitanos e nas Ilhas Cassitérides e é transportado das Ilhas Britânicas para Massília. Mas entre os Ártabros, continua, que são os povos do extremo da Lusitânia, a norte e a ocidente, a terra floresce com prata, estanho e ouro branco (pois é misturado com prata); e a essa terra, os rios arrasam-na; as mulheres, depois de a removerem com as pás, lavam-na em peneiras entrelaçadas [...]. Foi isto, portanto, o que Posidónio disse acerca da exploração do minério” (Estrabão, **Geografia**, III, 2, 9, trad. Deserto e Pereira, 2016).

“As Cassitérides são dez e situam-se perto umas das outras, no alto mar, a norte do porto dos Ártabros. Uma delas está desabitada, nas outras vivem pessoas que usam capas negras, vestidas com túnicas que chegam aos pés, apertadas em volta do peito, deambulando com um bastão, semelhantes às deusas da vingança das tragédias. Vivem do seu gado, de uma forma essencialmente nómada. Visto que têm minas de estanho e de chumbo, recebem, em troca destes metais e de peles que entregam aos mercadores, cerâmica e também sal e artigos de bronze. Primeiramente eram os Fenícios os únicos que se dedicavam a este comércio a partir de Gades, escondendo a rota de todos os outros. E quando os Romanos seguiram um certo mercador, com o objectivo de conhecerem, eles próprios, o lugar das trocas comerciais, o mercador, com inveja, atirou voluntariamente o navio para um baixo, conduzindo também à mesma ruína os seus perseguidores. O próprio mercador foi salvo, por causa de um destroço do navio, e recebeu do tesouro público o valor das mercadorias que tinha perdido. Os Romanos, ainda assim, depois de terem tentado muitas vezes, descobriram a rota. E quando Públio Crasso fez a travessia até junto desse povo e teve conhecimento de que a extracção dos metais era feita a pouca profundidade e que os homens eram pacíficos, mostrou com grande detalhe, aos que o desejavam, como trabalhar, a nível comercial, este mar, embora fosse maior do que o que separa a Britânia [do continente]” (Estrabão, **Geografia**, III, 5,11, trad. Deserto e Pereira, 2016).

### 2.2.3. Plínio, o Velho (23-79 d.C.)

“Diante da Celtibéria existe um grupo de ilhas, chamadas pelos gregos Cassitérides pela sua abundância em estanho; frente ao cabo da região dos Arrotrebas encontram-se as seis ilhas dos Deuses, que alguns chamaram Afortunadas” (Plínio, **História Natural**, IV, 119. Trad. Moure Casas, 1982, adaptado)



“O primeiro que trouxe chumbo desde a ilha Cassitéride foi Midácrito” (Plínio, *História Natural*, VII, 198, trad. Del Barrio e Arribas, 1982, adaptado)<sup>6</sup>.



#### 2.2.4. Pompônio Mela († c. 45 d.C.)

“Na Lusitânia está Erítia, a qual, segundo a tradição, foi ocupada por Gérion, e outras ilhas sem nome certo; as suas terras são de tal modo férteis que é suficiente semear uma só vez, porque os grãos que caem no chão renovam as sementes e dão, pelo menos, sete colheitas, às vezes mais. Entre os Celtas há algumas ilhas que, pela sua abundância em estanho, são designadas com um único nome: Cassitérides” (Mela, *Corografia*, III, 47. Trad. Silberman, 1988, adaptado).

#### 2.2.5. Cláudio Ptolomeu (c. 100-170 d.C.)

“No Oceano ocidental estão as ilhas Cassitérides, dez em número. O seu meio está em 4° [de longitude], 45° e 30' [de latitude] (*Geografia* II 6, 73; tradução dos autores).

#### 2.2.6. Caio Júlio Solino (fl. século IV d.C.)

“As ilhas Cassitérides estão voltadas para as costas da Celtibéria; são ricas em estanho” (Solino, *Colectânea*, IV, 12. Trad. Fernández Nieto, 2001, adaptado).

### 3. A RECEPÇÃO DOS TEXTOS E OS DISCURSOS DE APROPRIAÇÃO

As fontes clássicas referidas constituem um escasso e limitado acervo de testemunhos que deram origem a um longo processo de reconfiguração, integração e apropriação dos discursos historiográficos a partir, principalmente, do século XVI, com propostas de localizações que fundamentavam argumentos de prestígio e alimentavam os orgulhos pátrios. Nestes textos sobressai um conjunto de alusões a um arquipélago associado ao estanho e que, sistematicamente, é localizado no Noroeste da Península Ibérica. Porém, é interessante

<sup>6</sup> A referência a Midácrito é enigmática, uma vez que é um hápax isolado e descontextualizado do ponto de vista histórico e cronológico. Não obstante, avançou-se com uma cronologia arcaica que relacionaria este excerto com Tartesso e com antropónimos iónios e áticos (SCHULTEN, 2006, p. 80; GARCÍA Y BELLIDO, 1948, p. 47; cf. *Infra*; GÓMEZ ESPELOSÍN, 1993a, p. 152; 1994, p. 151).

constatar que a tradição historiográfica assumiu sem grandes reservas a opinião comum de que as ilhas se encontravam em águas britânicas desde a publicação de *Britannia*, de William Camden, em 1586 (uma reflexão mais detalhada pode encontrar-se em ALBUQUERQUE e FERRER, 2019: *passim*).

Para entender o êxito das propostas deste autor inglês, é necessário re-  
cuar, pelo menos, a 1453, ano em que Biondo publica a primeira corografia  
moderna a partir da leitura de clássicos como, por exemplo, Estrabão ou Pto-  
lemeu, cujos manuscritos chegavam, nesta altura, à Europa (cf. ALBUQUER-  
QUE e FERRER, 2019). A impressão da *Geografia* ptolemaica, por exemplo,  
testemunha o enorme interesse que inspirava aos intelectuais europeus no últi-  
mo quartel do século XV (Vicenza, 1475; Bolonha, 1477; Roma, 1478; Ulm,  
1482, 1486; Florença, 1482 e novamente em Roma, 1490; cf. HOOGLIET,  
2002, DALCHÉ, 2009; WEISS, 2011). A transmissão de uma “topografia  
histórica” a partir da leitura destes autores e de outros como Mela, Plínio, Tito  
Lívio, Sêrvio ou Virgílio, é um testemunho eloquente de um interesse crescen-  
te pelo estudo dos passados nacionais através da localização dos topônimos  
antigos (DILLER, 1975, p. 97ss.; CASTNER, 2005, p. XXVII; 2016, p. 178;  
DALCHÉ, 2017, p. 370). Uma das primeiras manifestações desta tendência  
é, precisamente, a cartografia, destacando-se o exemplo da *tabula* assinada por  
Nicolau Germano em 1466, incluída num manuscrito de 1466 da *Geografia*  
ptolemaica, e que foi reproduzida em impressões posteriores (Ulm, 1482 e  
1486)<sup>7</sup>. Nestes mapas, as Cassitérides (*Catheterides* ou *Caterides*) associam-se  
aos Açores, ainda que se representem nas proximidades da costa galega (fig. 1).



Fig. 1. A *tabula* de Ptolomeu segundo Nicolau Germano (edição de J. Reger, Ulm, 1482)<sup>8</sup>. Pormenor da localização das Cassitérides

O êxito de *Italia illustrata* de Biondo revela-se na influência que exerceu  
em países como Alemanha, Espanha e Inglaterra, onde se reproduziu a criação

7 Para a edição de 1486, v. <http://digital.bms.rs/ebiblioteka/publications/view/2520> (cons. 19/01/19).

8 [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3c/1482\\_Cosmographia\\_Germanus.JPG](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3c/1482_Cosmographia_Germanus.JPG)  
(cons. 17/01/2019)



de discursos históricos integrados em descrições geográficas. Em Espanha, as primeiras corografias publicaram-se entre 1485 e 1512 em Latim e, a partir de 1519, em língua vernácula (KAGAN, 1995, p. 50-52, com bibliografia), originando obras como o *Libro de Grandezas* de Pedro de Medina (1548), para dar um exemplo.

A Galiza, por vários fatores que não interessa desenvolver em pormenor, manteve-se à margem dos interesses dos intelectuais espanhóis devido à sua condição periférica. Esta situação motivou a elaboração da *Descripción del reyno de Galicia* por B. Sagrario de Molina em Mondoñedo (1550; FILGUERA VALVERDE, 1949: IX ss.; para SOTO e FREIRE, 1982, p. 129-130, imprimiu-se em 1543), cujo objetivo era “dar a conocer a España la riqueza natural, artística e intelectual de Galicia” (BARREIRO FERNÁNDEZ, 1988, p. 24). Nesta obra, a prioridade dada à identificação de Tubal como antigo povoador e à ascendência grega das linhagens galegas relegou para uma posição secundária a localização das paisagens antigas.

Esta falta de interesse generalizada é evidente nos trabalhos de Ambrósio de Morales (1513-1591) e, indiretamente, de Abraão Ortélio (1527-1598). O primeiro viajou ao Principado de Astúrias, aos reinos de Leão e Galiza (Junho de 1572-Fevereiro de 1573) para recolher informações sobre igrejas, relíquias e corpos de santos (Real Cédula de Filipe II em Morales, 1577, 11-11v) e, conseqüentemente, analisar a história da Reconquista. As motivações deste humanista estavam, portanto, longe da análise das fontes clássicas (EDOUARD, 2005), apesar de contadas exceções que não incidiram, porém, sobre as Cassitérides<sup>9</sup>. No entanto, noutro trabalho publicado em 1577 (1792), Morales localiza estas ilhas na Galiza, defendendo que “de España fueron sempre, y a ella se las dan todos los cosmógrafos” (1792, p. 165-166).

Abraão Ortélio, por seu turno, instigou vários eruditos da *intelligentsia* europeia para que lhe fornecessem informações sobre as fontes antigas de vários territórios, entre eles Espanha e Inglaterra. É interessante chamar a atenção para este dado, uma vez que elaborou um mapa da Hispânia antiga em 1586, apesar da visível falta de interesse por parte dos eruditos espanhóis na cartografia das paisagens antigas (HERNANDO, 1998, p. 23-28; p. 44-45; MANSO, 2012). Nesse mapa, reproduzido na fig. 2, assinala-se a localização das Cassitérides a partir das coordenadas de Ptolomeu. Aliás, na edição espanhola de 1588, diz, explicitamente, que

9 Por exemplo, na descrição geral da Galiza menciona o rio Nário, referido por Mela (FLÓREZ, 1765, p. 113), a fundação romana de Lugo (*ibid.*, p. 145), a chegada de Anfíloco a Orense depois da Guerra de Tróia (*ibid.*: 147 – 148) e as ilhas “Cizas” de Plínio (*ibid.*: 140 – 141).

“Las islas que pertenescen a España, de que hazen mencion los escritores antiguos, son las que estan al promontorio Celtico, las que llaman Cassiterides, que agora en ninguna parte d’el Oceano parescen” (ORTELIUS, 1588, p. 16).



Fig. 2: *Hispaniae veteris descriptio* (Ortelius 1586), Biblioteca Nacional de España. <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000019084> (cons. 31/03/2019)

Esta ideia manteve-se noutras edições e faz eco de uma identificação das Cassitérides com os Açores, apresentada com muitas reservas pelo eminente cartógrafo alguns anos antes, na primeira edição de *Synonymia* (ORTELIUS, 1578, s.v. Cassitérides; 1588, p. 14; 1595, p. 15). Chama, igualmente, a atenção um pequeno acrescento na edição de 1587 do *Thesaurus Geographicum*, onde transmite, sem qualquer comentário, a opinião de Camden: que as ilhas do estanho correspondiam Sorlingas (ORTELIUS, 1587, s.v. Cassiterides; cf. SMITH, 1691, p. 31-32, com a correspondência entre Camden e Ortélio).

Com efeito, Ortélio, tal como fez em Espanha, procurou obter resposta às suas inquietações entre os eruditos ingleses, que por sua vez manifestaram mais interesse do que os espanhóis na cartografia dos topónimos antigos mencionados nas obras geográficas e itinerários da Antiguidade<sup>10</sup>. Efetivamente,

10 Ortélio manteve contacto com vários eruditos europeus, solicitando-lhes informações para o seu atlas (*Theatrum Orbis Terrarum*, publicado primeiramente em 1570, com 41 edições até 1612, em latim e línguas vernáculas) e para *Synonymia geographica*, um glossário publicado em 1578 e que foi mais tarde ampliado para dar lugar ao *Thesaurus Geographicus* (respectivamente, ORTELIUS 1587; 1596). Em 1588, 1602 e 1611, publicaram-se edições espanholas do *Theatrum* (Hernando 1998: 9ss.).



Camden (1551-1623) aceitou o desafio lançado pelo sábio de Antuérpia para escrever a monumental *Britannia*, segundo afirma no prefácio (SMITH, 1691; RICHARDSON, 2004, p. 117-118), dando assim continuidade a um projeto que deu os primeiros passos poucas décadas antes por autores como Lelande, e que tinha como principal objetivo engrandecer o passado britânico através da *restituta vetere locorum* (LELANDE, 1546/ SMITH, 1907, XLI; MENDYK, 1985, p. 464ss.; SCHWYZER, 2011; ROHL, 2011a; 2011b).

A partir de uma hermenêutica sabiamente orientada e das informações sobre as antiguidades recolhidas nos vários *counties* que estudou numa viagem de *autopsia*, Camden procurou identificar as origens remotas do povoamento das ilhas britânicas. O seu profundo conhecimento do legado clássico foi o ingrediente necessário para procurar cartografar a toponímia antiga e reivindicar para Inglaterra algumas paisagens antigas. É, precisamente, neste contexto que este intelectual londrino, conhecido como *British Strabo* (LEVY, 1964), procedeu a um aturado estudo das fontes que mencionavam as Cassitéries, no intuito de localizá-las nas ilhas Scilly. Preenchia, com isto, um vazio da tradição exegética deixado pelo desinteresse que descrevemos anteriormente. Ao contrário do que o próprio afirmou, não baseou a sua interpretação em Ortélio que, como vimos, nunca chegou a defender tal proposta e limitou-se a citar a de Camden.

O espírito corográfico iniciado em meados do século XV consolidou-se, assim, numa obra que criou, com fina erudição, uma ponte entre o passado e o presente de um território. O prestígio do intelectual londrino, assim como o fato de ninguém ter procedido antes ao estudo desta questão, foram fundamentais para que a esmagadora maioria dos autores posteriores, pelo menos até 1790, aceitasse sem reservas a localização das Cassitérides nas Scilly e não nos lugares propostos pelos seus predecessores, nomeadamente na Galiza e, com menos argumentos, nos Açores<sup>11</sup>.

Depois de *Britannia*, a questão das Cassitérides manteve-se à margem dos interesses da historiografia galega dos séculos XVI e XVII, centrada no passado nobiliário e eclesiástico, na descendência de Noé e nos *nostoi* de Tróia, assim como na produção de “falsos cronicões” (BARREIRO FERNÁNDEZ, 1988, p. 28-29; 40ss.; CASTRO, 2002, p. 1827-1832; cf. Albuquerque e Ferrer, 2019). Conhecem-se referências de algumas obras manuscritas que nunca foram dadas à estampa, entre elas a *Historia de Galicia*, escrita em meados do

11 “In celticis] apud Galaicos è regione capitis finis terrae Cassiterides, quae hodie vno nomine Bisargo vocantur” (Olivarius, 1577: 103). Este comentário não aparece na primeira edição de 1536. Camden lê o topônimo como Cisarga. Por outro lado, há que assinalar que a obra de Ortélio foi muito pouco citada entre os intelectuais espanhóis (Hernando, 1998, p. 44-45).



século XVII pelo Jesuíta Antonio López Ferreiro (Elías de Tejada e Pércopo, 1966, p. 235-236), onde se defende a localização das estaníferas nas ilhas de Arosa e Cortegada (GARCÍA ROMERO, 1923, p. 326-327), e outra, com o mesmo título, assinada por Antonio Rodríguez de Novoa, que também reivindica, e 1648, a pertença das ilhas à Galiza (BARREIRO FERÁNDEZ, 1988, p. 39, n. 111; CORNIDE, 1790a, p. 60-62). No entanto, estas menções, às quais se podem juntar outras, eram secundárias face aos interesses do discurso historiográfico galego, que procurava reivindicar um passado grego, uma singularidade e uma antiguidade maior que a dos espanhóis (v., sobretudo, CORNIDE 1790a; ALBUQUERQUE e FERRER, 2019).

Além disso, estes autores não tinham o prestígio de Camden na Europa, o que motivou a aceitação sem reservas das propostas deste erudito. Neste contexto, a cartografia testemunha a transcendência desta interpretação (cf. Mapa da Grã-Bretanha de N. Sanson e M. Tavernier, 1641; mapa das ilhas britânicas na Antiguidade, de Celarius, 1799), do mesmo modo que a produção escrita. Samuel Bochart, por exemplo, defendeu que Midácrito, referido por Plínio (**História Natural**, VII, 197), era Melicarto ou Melqart, e que este chegou às Sorlingas, e que *Britannia* era um corónimo de origem semita (BOCHART, 1646 = 1707, p. 648ss.; p. 719- 720; cf. BÉRARD, 1895, p. 274; BONNET, 2015).

A influência de Bochart no relativo à toponímia semita reflete-se nos trabalhos de A. Sammes, em Inglaterra (SAMMES, 1676), que defendeu uma origem fenícia para o corónimo *Britannia* e de Martín Sarmiento, na Galiza, que propôs uma relação entre *anak*, palavra semita para estanho, e *Aunios* (PLÍNIO, **História Natural**, IV, 11; BOCHART, 1646, p. 720; MONTEAGUDO, 1957, p. 357; REGUERA RODRÍGUEZ, 2006, p. 294; ÁLVAREZ SOTELO, *apud* CORNIDE, 1790a, p. 70; sobre a etimologia de *anak*, cf. REINACH, 1894, p. 107; DOSSIN, 1971, p. 12).

A historiografia galega em geral defendia, no século XVIII, a localização das estaníferas na costa do Noroeste peninsular<sup>12</sup>. O próprio Sarmiento, em meados do século XVIII, defendeu que correspondiam às ilhas das rias de Pontevedra (Ons), Arosa (Sálvora) e Vigo (Cíes), partindo da referida etimologia e da identificação de novas minas de estanho em Baiona e Vigo (cf. Cartas 57 e 68 em REGUERA RODRÍGUEZ, 2006, p. 56).

12 Muitos manuscritos desta época permanecem inéditos. Entre otros, Sarmiento, 1762; s.d.; Reguera Rodríguez, 2006, com bibliografía; Rioboo y Seixas, 1749, foi parcialmente transcrito em Taín Guzmán, 2000, p. 505ss.; cf. Cornide, 1790a, p. 92



Neste contexto intelectual de renovação metodológica, autores como E. Flórez (1759, p. 56-58) e o Marquês de Valdeflores (1722-1772), deram continuidade às propostas de Camden (CORNIDE, 1790a, p. 75-76; cf. MASDEU, 1785, p. 55-57), enquanto que outros continuaram a defender a localização das Cassitérides na Galiza, por exemplo em Bayona (RODRÍGUEZ CAMPOMANES, 1756, p. 44; RODRÍGUEZ MOHEDANO e Rodríguez Mohedano, 1759, p. 380ss.; MASDEU, 1783, p. 120; 147; 1785, p. 259; CORNIDE, 1790a, p. 82-85). Poderíamos acrescentar a esta lista outros nomes, mas uma boa parte dos manuscritos produzidos no século XVIII permanecem, ainda, inéditos (SARMIENTO, 1762; s.d.; REGUERA RODRÍGUEZ, 2006, com bibliografia; RIOBOO e SEIXAS, 1749, foi parcialmente transcrito em Taín Guzmán, 2000, p. 505ss.; cf. CORNIDE, 1790a, p. 92)<sup>13</sup>.

As principais críticas ao paradigma inglês surgiram em 1790 com as obras de dois autores: o onubense Manuel I. Pérez Quintero (1758-c. 1800) e o corunhês José Cornide de Folgueira y Saavedra (1738-1803). Estes eruditos puseram o seu patriotismo ao serviço de uma crítica mais sistemática ao paradigma inglês e criticaram abertamente, não só Camden, mas também os predecessores espanhóis que aceitaram as suas propostas (PÉREZ QUINTERO, 1790; cf. MASDEU, 1796, em resposta a estas críticas).

O primeiro deve ser valorizado sobretudo pelo seu contributo como catedrático de Gramática, ao assinalar alguns problemas de tradução do poema de Avieno que mencionava as *Estrímnides* (*Ora Marítima*, 88-98), assim como outros que estruturaram uma argumentação baseada, sobretudo, no entendimento das fontes e na proposta de localização das Cassitérides no Cabo Touriñán (PÉREZ QUINTERO, 1790, p. 16-17; cf. SARMIENTO, 1880; ALBUQUERQUE e FERRER, 2019).

A *Disertación* de Pérez Quintero estava no prelo quando as oficinas de Benito Canto, em Madrid, terminavam de imprimir o texto de Cornide (1790a; relativamente a este fato, PÉREZ QUINTERO, 1790, p. 49), um testemunho eloquente dos seus esforços no estudo das antiguidades galegas (Abascal e Cebrián, 2009) e da correspondência que manteve com alguns sábios contemporâneos, nomeadamente com Fr. Pablo Rodríguez, um beneditino de Pontevedra, versavam sobre a geografia da Galiza (Abascal e Cebrián,

13 Este parece ser o caso de iniciativas como o projecto, iniciado em 1738, do *Diccionario Histórico-crítico Universal de España*, e designado, a partir de 1722, como *Diccionario Geográfico de España*, que não foi, tal como as suas congéneres Memórias Paroquiais, impressas nesse momento (cf. Almagro e Maier, 2002: passim).



2006, p. 407; 2009, p. 56-58)<sup>14</sup>. Não é necessário expor em pormenor os argumentos do sábio corunhês (uma visão geral em PINEIRO RIVAS, 2017, p. 309-318), mas o mais destacável da sua produção é, indubitavelmente, o rigor e o saber enciclopédico com que tratou o amplo conjunto de informações proporcionadas pelos autores anteriores, tanto clássicos como modernos (BARREIRO FERNÁNDEZ, 1988, p. 55), revelado no seu *Mapa corográfico de la Antigua Galicia* (CORNIDE, 1790b)<sup>15</sup>, na sua *autopsia* em várias viagens pela Galiza (ABASCAL e CEBRIÁN, 2009), na exegese das fontes clássicas e nos seus estudos mineralógicos (CORNIDE, 1790a, p. 81; 1790b, especialmente a “lista de correspondencia de los nombres antiguos á los modernos”; 1803; CAPEL e URTEAGA, 1983, p. 7-12; p. 21-22).

Em linhas gerais, a historiografia decimonónica dá continuidade às propostas de Cornide, integrando-as na visão romântica do “celtismo” (BARREIRO FERNÁNDEZ, 1988, p. 56ss.; CAVADA e NÚÑEZ, 2008; cf. ALBUQUERQUE e FERRER), representando uma resposta ao *horror vacui* criado entre a primitiva história sagrada (com povoadores antigos como Tubal e Brigo) e a posterior presença fenícia (c. 2000- 1600 a.C.). Um exemplo neste sentido é a obra de B. Vicetto (1865), que reclama para a Galiza a origem da Europa, assim como uma expansão para outros territórios. As Cassitérides incluem-se, no seu discurso, nos contactos e uma fusão pacífica entre fenícios e “céltigos” (*sic*), em que os primeiros são apresentados como portadores de civilização e como fundadores dos faróis de Hércules, Lanzada e Touriñán, assim como de armazéns em vários pontos da costa galega e de rotas de navegação conjuntas com os Celtas rumo às Sorlingas (Vicetto, 1865, p. 130-168). Assim, no cômputo geral, Vicetto coloca-se na linha da “peregrinação secular” das ilhas, como bem definiu Monteagudo (1957, p. 377-381), que defende a existência de vários lugares que receberam esse nome.

O modelo ariano que se impôs no discurso histórico galego acabou por ofuscar o tema das Cassitérides, como se revela no estudo de M. Murguía e nos 4 volumes da *Crónica General de España* dedicados à Galiza (González García, 2007, p. 31-32), onde se defendia acerrimamente a origem ária dos antepassados dos Galegos e onde se marcou um distanciamento face às propostas de mistura de populações e a um tema inequivocamente relacionado com os Fenícios (Fulgoso, 1866; 1867; 1868; cf. González García, 2017, p. 37). Além

14 Veja-se o texto, transcrito por Sara Abreu e por nós publicado (Albuquerque e Ferrer Albelda, 2019), com o título *Sobre la necesidad de buscar las Cassiterides en la costa de Galicia y con comentarios de Avieno*, escrita entre 1787 e 1788 e actualmente depositada na Biblioteca da Real Academia de la Historia.

15 <http://bibliotecadigital.rah.es/dgbrah/es/consulta/registro.cmd?id=12761> (cons. 18/10/2019).





disso, a arqueologia começa a ser, nesta fase, um elemento importante para a afirmação ou negação de propostas relacionadas com as fontes, o que se revela tanto nos textos de Fulgósio como nos seus sucessores (Villa-Amil y Castro, Saralegui e Barros Silveiro, entre outros). No entanto, no que diz respeito à prática arqueológica, esta tendência não assentou sobre trabalhos de campo sistemáticos, levando a que a investigação galega não estivesse, nesse sentido, ao nível das congêneres europeias, incluindo a que se desenvolvia com destacável intensidade na outra margem do rio Minho (Sarmiento, 1880; Gonçalves e Diniz, 1993-1994; González García, 2007, p. 48-49).

Em jeito de balanço do que foi até agora tratado, a localização das Cassitérides a partir das fontes fundamentou-se quase exclusivamente em apriorismos inspirados por sentimentos patrióticos ou regionalistas, assim como na identificação de minas de estanho, com o intuito de defender a apropriação destas paisagens da antiguidade. Cabe, portanto, procurar encontrar uma justificação para a fortuna da proposta de Camden e da equação Cassitérides – Sorlingas, assim como para o fato de as restantes localizações terem sido relegadas para um plano secundário. A resposta a esta questão parece estar, por um lado, no fato de a investigação galega ter sido difundida entre receptores espanhóis, sem sequer ser apresentada nos círculos de discussão internacionais, onde a proposta de Camden havia vingado com um extraordinário êxito. Isto não significa, porém, que a hipótese galega tenha sido excluída, como veremos, das reflexões de outros sábios europeus (HOLMES, 1907, p. 483-514).

Os discursos historiográficos franceses e ingleses de finais do século XIX estavam profundamente marcados pelo Romantismo. Neste contexto, tanto a língua como os pressupostos antissemitas do Modelo Ariano (cf. BERNAL, 1993) condicionaram fortemente o estudo das Cassitérides, graças à sua associação (explícita, aliás, nas fontes) aos Fenícios. Neste sentido, um estudo etimológico que valorizasse uma origem diferente para o topônimo poderia ser um argumento de peso para dar protagonismo aos europeus no controlo destas rotas, o que veio a manifestar-se na identificação de uma suposta origem “celta”, proposta por S. Reinach em 1892, assim como a identificação de Midácrita com Midas, conferindo assim relevância aos Ródios e aos Frígios (HERRERA DELGADO, 2019)<sup>16</sup>. A mesma origem do étimo foi defendida uma década antes por Rhys, que afirmou, por outro lado, que as Cassitérides foram erroneamente (*sic*) associadas às Sorlingas (1882 = 1904, p. 44; p. 287-289).

---

16 Este debate etimológico reveste-se de um inegável interesse, uma vez que acabou por ser colocado no centro da interpretação do nome e da identificação dos principais protagonistas do comércio do estanho na Antiguidade. Parece mais provável que o seu interesse resida no fato de representar um vazio de investigação que permitiria reclamar para os antepassados europeus o domínio das rotas mencionadas nas fontes.



Não obstante, esta hipótese continuava a ser a que mais ampla difusão teve entre os intelectuais deste século, como se manifestou, aliás, na exploração arqueológica destas ilhas, levada a cabo por G. Bonsor entre 1899 e 1902 (HERRERA DELGADO, 2019). Como se sabe, o autor não identificou quaisquer vestígios da presença fenícia nesta área, nem elementos que pudessem corroborar as interpretações das fontes que, desde Camden, fizeram, e ainda fazem, parte da *communis opinio* da investigação sobre estas ilhas. Por exemplo, num estudo publicado há mais de seis décadas por L. Monteagudo, parecia ter-se perdido o rasto das interpretações mais antigas, mas estavam ainda vigentes as propostas que enumeramos até este momento (MONTEAGUDO, 1957). O autor divide as várias opiniões em quatro grandes grupos: os que consideram que as estaníferas são um espaço imaginário, os que defendem que se localizam em terra firme na Bretanha, os que as identificam com ilhas atlânticas entre as Sorlingas e a costa galega e, finalmente, os que postulam uma “peregrinação secular” que, à semelhança do que ocorrera com outras paisagens insulares semelhantes (as *Fortunatae*, p.ex.), se associaram a lugares diferentes ao longo dos séculos. O fio condutor de todas estas propostas era, obviamente, o reconhecimento de minas de estanho em vários lugares e leituras com maior ou menor precisão das fontes clássicas.

Apesar da diversidade de propostas sobre a localização das ilhas, o estudo das fontes é manifestamente insuficiente, embora seja evidente que estas, por norma, apontam para as costas galegas. Trabalhos recentes, desenvolvidos no âmbito do Projeto *Estrímnides* e publicados quase em simultâneo com o presente artigo (FERRER ALBELDA, coord., 2019), permitem afirmar que estes textos transmitem, muito provavelmente, ecos do comércio de Gadir com o Noroeste da Península Ibérica (SÁEZ ROMERO *et al.*, 2019), que chegaram ao conhecimento de autores como Hecateu através de informações proporcionadas, muito provavelmente, de portos como *Onoba* (atual Huelva).

#### 4. A ARQUEOLOGIA

Além da inegável contribuição para a discussão sobre as rotas gaditanas, uma recente reinterpretação dos materiais arqueológicos exumados nas Rias Baixas e na área da Corunha permite avaliar a intensidade dos contatos, assim como um impacto que estes tiveram nas populações locais. O início destas rotas pode situar-se, sensivelmente, em finais do século V a.C. ou nos inícios



da centúria seguinte, com contatos aparentemente esporádicos que podem associar-se à presença cartaginesa na Península Ibérica, estendendo-se até aos inícios da época alto-imperial (SÁEZ ROMERO *et al.*, 2019: *passim*)<sup>17</sup>.

Os resultados destes estudos fornecem pistas interessantes para o estudo das fontes, uma vez que os materiais mais antigos desta área são algumas décadas posteriores aos textos de Heródoto e Hecateu de Mileto e testemunham a existência de contatos contemporâneos do período de “silêncio” que antes se comentou. Aliás, as fases de maior intensidade correspondem aos finais do século I a.C. (*ibid.*), momento em que as ilhas voltaram a ser referidas, desta vez por Diodoro Sículo (cf. *supra*).

## 5. UM TEMA PARALELO: A ETIMOLOGIA DE ΚΑΣΣΙΤΕΡΟΣ

É, igualmente, importante assinalar de passagem o debate sobre a etimologia dos termos gregos Κασσίτερος e Κασσιτερίδες entre os linguistas, ainda que seja um tema paralelo ao que aqui se discute e não tenha especial influência na leitura geral que se apresenta nesta ocasião. As opiniões dividem-se entre uma origem oriental e outra ocidental, em que a primeira pressupõe que Κασσιτερίδες recebeu essa designação pelo nome dado ao metal, enquanto que a segunda defende que Κασσίτερος é assim designado devido às ilhas.

No primeiro caso, propôs-se uma relação com o etnónimo Cassita e com o elamita *kassi-ti-ra*, levando a pensar que esta comunidade seria a principal fornecedora do metal, assim como com o sânscrito *kastira-m* (HÜSING, 1907, p. 25; HROZNÝ, 1939; CHANTRAINE, 1968, *s.v.* Κασσίτερος; DOSSIN, 1971, p. 8-9; cf. Estêvão de Bizâncio, *s.v.* Κασσίτερα, uma ilha das imediações do rio Indo), o que não seria contraditório com a origem próximo-oriental da metalurgia e de palavras gregas que designam os metais (HESTER, 1965, p. 356; DOSSIN, 1971, p. 9ss.) nem com a quantidade de vezes que o termo surge antes de que Heródoto referisse o topónimo Κασσιτερίδες (RAMIN, 1965, p. 51-54). Outros procuraram estabelecer relações com o sânscrito *kastira-m*, que por sua vez se emparentaria com o eslavo antigo *kassiterŭ* ou *kossiterŭ* (BOISACQ, 1916, *s.v.* Κασσίτερος; DOSSIN, 1971, p. 7), enquanto que, para Chantraine, a etimologia do termo é obscura (1968, *s.v.* Κασσίτερος).

A segunda hipótese aponta para uma origem céltica e foi apresentada, pela primeira vez, por L. Wilser em 1890 (*L'Anthropologie* 3, 1892, p. 745)

17 Os autores desse estudo dividem este processo de contactos em três fases: finais do século V a.C./ inícios do século IV a.C. a meados do século II a.C.; meados do século II a.C. a meados do século I a.C. e, por último, meados do século I a.C. a inícios da época alto-imperial.



e continuada por S. Reinach em dois importantes artigos (1892 e 1894). Esta tese postula, como se aflorou, que o termo que designa o estanho, *κασσίτερος*, teria origem no topônimo e não o contrário. Não seria, pois, de estranhar que esta ideia fosse perflhada por Schulten algumas décadas mais tarde, atribuindo a *κασσίτερος* uma origem pré-céltica, a julgar pela aparição do termo na *Iliada*, e acrescentando que a desinência *Cass-* era comum no âmbito “liguro-celta” (1945, p. 30). Estudos recentes têm vindo a colocar a tônica noutro conjunto de termos que partilham esta raiz com os étimos expostos anteriormente e que parecem relacionar-se, de modo aparentemente sistemático, com o estanho, além de serem um ponto de partida para reconstituir, a partir da toponomástica, as rotas do metal (MAIRECOLAS e PAILLER, 2010, p. 151ss.).

Apesar do inegável interesse desta discussão, este tema merece um tratamento monográfico e não pode ser tratado nesta ocasião com detalhe. Em todo o caso, enquadrar-se-ia na reflexão que se propõe no próximo capítulo sobre a geografia dos recursos, que se caracteriza, precisamente, pela existência de topônimos inspirados nas matérias – primas proporcionadas pelos respectivos territórios.

## 6. A GEOGRAFIA DOS RECURSOS

É, pois, momento de voltar aos textos com uma brevíssima reflexão sobre a geografia dos recursos que marcou a produção literária dos séculos VI e V a.C., especialmente a obra de Hecateu de Mileto (ALBUQUERQUE e FERRER, 2019). É possível que o geógrafo milésio tenha sido uma das fontes escritas conhecidas por Heródoto na elaboração de um *logos* sobre o Ocidente que, como se sabe, não primou pela precisão nem pela abundância de dados. A falta de interesse do autor por estes territórios (justificada, aliás, pelos próprios objetivos da sua obra) acrescenta-se à postura crítica com que recebeu as informações de Hecateu, especialmente a concepção cosmográfica da escola iónica.

Assim, apesar da falta de evidências diretas de uma consulta de *Periodos Gês* para a referência vaga às Cassitérides, parece evidente que a formação do próprio topônimo (independentemente da sua etimologia) é a consequência de uma mundivisão que determinou a redação de textos periplográficos. Esta tendência revela-se, como também se assinalou, em vários topônimos “falantes” que mais não fazem do que configurar a percepção do mundo como uma sequência de fontes de obtenção de recursos (cf. MAIRECOLAS e PAILLER, 2010, p. 143-144, com bibliografia). Estes topônimos, do mesmo modo que esta imagem da terra habitada, acabaram por ser mencionados em obras como

a de Estêvão de Bizâncio, deixando entrever que, no século VI a.C., já se conheciam algumas comunidades peninsulares.



Neste contexto, ainda não se resolveu o problema das fontes de informação de Hecateu, ainda que se tenha defendido a possibilidade de o autor ter consultado arquivos em Tiro ou outra cidade fenícia, ou mesmo outros textos de carácter periegético, como o de Cílix de Carianda ou Eutímedes de Massalia, mas o estado fragmentário destas obras inibe qualquer análise comparativa. Em todo o caso, a possibilidade de que tenha existido uma rede de comerciantes que detinham um conhecimento pormenorizado do Ocidente abre caminho para avançar com a possibilidade de que uma comunidade grega estabelecida em Huelva tenha sido responsável pela transmissão de conhecimentos sobre as costas atlânticas a partir de inícios do século VI a.C. É, igualmente, provável que a cadeia de transmissão de conhecimentos sobre as paisagens setentrionais tenha origem em ocupações que, como Santa Oláia, junto à desembocadura do rio Mondego (Portugal), estariam mais familiarizadas com as rotas atlânticas, pelo menos desde o século VII a.C. (sobre o sítio, cf. FRANKENSTEIN, 1997, p. 201-204.; ARRUDA, 1999- 2000, p. 227ss., com bibliografia).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, a transmissão textual das Cassitérides não oferece muitas dúvidas sobre a sua localização nas costas galegas, o que, aliás, parece ser corroborado pelos vestígios arqueológicos analisados nos últimos anos.

O estudo destas ilhas, como tivemos oportunidade de constatar ao longo das linhas precedentes, baseou-se fundamentalmente na identificação de fontes de estanho e na hermenêutica dos textos clássicos que mencionavam, muito de passagem, ilhas localizadas no Atlântico, ou mesmo nos aparentes vestígios toponímicos. Estes argumentos, porém, ocultam outros interesses, nomeadamente a necessidade de reivindicar para uma comunidade as paisagens antigas, assim como para enobrecer uma região ou mesmo de uma cidade. Nesse sentido, a aturada leitura das fontes de Camden foi orientada no sentido de dar à sua pátria o prestígio de ter sido uma cobiçada e celebrada fornecedora de estanho e não foi, como vimos, rebatida durante várias décadas, mais por inércia que por falta de argumentos sólidos.

Neste sentido, a revisão da produção historiográfica tem o condão de identificar as várias debilidades dos argumentos apresentados desde a formação e consolidação do género corográfico na Europa, especialmente em Inglaterra e em Espanha, até praticamente aos nossos dias, ainda que o tema peça



um estudo mais sistemático e profundo. É evidente, por exemplo, que a localização da Galiza nem sequer é considerada em bibliografia produzida fora da Península Ibérica (entre outros, CHANTRAINE, 1968, *s.v.* Κασιίτερος; ASHERI *et al.*, 2007: 503), apesar de, como vimos, a maioria dos textos aponta para essas paragens. Além disso, nem mesmo o eminente cartógrafo Abraão Ortélio afirmou, como tantas vezes se pretendeu, que as Cassitérides se localizavam nas Sorlingas.

O estudo das fontes permite abordar o tema das Cassitérides como um reflexo da construção de uma mundivisão marcada por uma geografia dos recursos. Esta tendência foi determinante para a formação de topônimos falantes e para uma forma de ordenar a representação do mundo através das fontes de matérias-primas (agricultura, metais, etc.). É neste contexto que se pode entender a transmissão do nome Κασιίτεριδες para designar um espaço insular do qual provinha o estanho.

No que diz respeito à etimologia de κασιίτερος e Κασιίτεριδες, não é de estranhar que tenha sido um argumento que sustentou as propostas antisemitas de S. Reinach nos finais do século XIX, e que o autor tenha apontado a bússola para uma origem ocidental, céltica, fazendo derivar o termo grego que designava o estanho de um topônimo. Esta questão, no entanto, não deve ser sobrevalorizada, uma vez que se destina a explicar a origem de um étimo na língua grega, sem que se saiba com exatidão a cronologia da sua formação, ou mesmo a sua transmissão. Em suma, a etimologia não constitui um argumento relevante para a questão que procurámos descrever até este ponto, mais além da constatação de que se trata de um topônimo falante.

Os recentes estudos de materiais podem, pois, identificar a existência de contatos entre as populações que habitavam a atual Galiza e o Sul da Península Ibérica em época pré-romana e, conseqüentemente, explicar a gênese de uma tradição que referiu uma remota fonte de estanho no Atlântico, ainda que se deva considerar, nesta reflexão, o papel que as várias ocupações costeiras da fachada atlântica peninsular desempenharam a partir do século VII a.C., tanto na aquisição de matérias – primas como na circulação de informações que chegaram às cidades gregas através do comércio mediterrânico.

As propostas aqui apresentadas, longe de constituir uma nova reivindicação (como as que vimos) das paisagens antigas para satisfazer caprichos nacionalistas ou regionalistas, pretenderam lançar alguma luz sobre uma questão que tem tanto de interessante como de nebulosa. Esperamos que futuros estudos desta questão possam caracterizar com maior precisão a longa tradição exegética que reproduziu, sem o suficiente aparato crítico, as propostas de

Camden, assim como as rotas comerciais que propiciaram a transmissão oral de umas ilhas atlânticas conhecidas pela produção ou aquisição do estanho.



## BIBLIOGRAFIA

ABASCAL PALAZÓN, Juan M.; CEBRIÁN, Fernández. **Los viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801**. Madrid: Real Academia de la Historia, 2009.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos sobre antigüedades de la Real Academia de la Historia**. Madrid: Real Academia de la Historia, 2006.

ALBUQUERQUE, Pedro; FERRER ALBELDA, Eduardo. Las Casitérides: discursos historiográficos y apropiaciones de un topónimo errante. In: FERRER ALBELDA, Eduardo (coord.). **La ruta de las Estrímnides. Navegación y conocimiento del litoral atlántico de Iberia en la Antigüedad**, Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2019, p. 13-62.

ALGANZA ROLDÁN, Minerva. ¿Historiadores, logógrafos o mitógrafos? (Sobre la recepción de Hecateo, Ferécides y Helánico). **Polymnia**. Lille, nº 1, 2012, p. 3-24.

ALMAGRO-GORBEA, Martín; MAIER ALLENDE, Jorge. La Real Academia de la Historia y la Arqueología española en el siglo XVIII. In: CACCIOTTI, Beatrice; RAVENTÓS, Dupré; BELTRÁN FORTES, Dupré; VENETUCCI, Beatrice P. (coords.). **Illuminismo e ilustración: le antichità e i loro protagonisti in Spagna e in Italia nel XVIII secolo**. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2002, p. 1-28.

ALONSO-NÚÑEZ, José M.. Herodotus on the Far West. **L'Antiquité Classique**, Liège, LVI, 1987, p. 243-249.

AMIOTTI, Gabriella. Le colonne d'Ercole e i limiti della ecumene. In: SORDI, Marta (ed.). **Il confine nel mondo classico**. Milano: Università Cattolica, 1987, p. 13-20.

BARREIRO FERNÁNDEZ, Xosé R.. La historia de la historia. Aproximación a la historiografía gallega (siglos XVI-XIX). In: CASTRO, Xavier; JUANA, Jesús de (eds.). **Historiografía gallega. IX Xornadas de Historia de Galicia (4. 1986 Orense)**. Orense: Diputación Provincial, 1988, p. 18-80.

BÉRARD, Victor. La Méditerranée phénicienne. **Annales de Géographie**, v. 16, 1895, p. 271-286.

BERNAL, Martin. **Atenea Negra: Las raíces afroasiáticas de la civilización clásica. Volumen I, La invención de la Antigua Grecia, 1785-1985**. Barcelona: Crítica, 1993.

BOCHART, Samuel. **Samuelis Bocharti Geographia Sacra seu Phaleg et Canaan, cui accedunt variae dissertationes philologicae, geographicae, theologicae &c. Antehac ineditae et Tabulae Geographicae et indices**, 4ª ed. Leiden: C. Boutesteyn, & J. Luchtmans.

BOISACQ, Émile. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque, étudiée dans ses rapports avec les autres langues indo-européennes**. Heidelberg e Paris: C. Winter e Klinskieck, 1916.

BROCA, J.B. **Heródoto: História**. Rio de Janeiro, W.M. Jackson, 1950.



CAMDEN, William. *Britannia, sive florentissimorum regnorum, Angliae, Scotiae, Hiberniae, et Insularum adiacentium ex intima antiquitate Chorographica descriptio*, London, Radulphum Newbery, 1586.

CAPEL, Horacio; URTEAGA, Luis. **José Cornide: Ensayo de una descripción física de España (1803)**. Barcelona: Publicacions i edicions de la Universitat de Barcelona, 1983.

CASTNER, Catherine C.. **Biondo Flavio's Italia Illustrata: Text, Translation and Commentary**, Vol. I, Northern Italy. Binghamton, Binghamton University Press, 2005.

CAVADA NIETO, Milagros; NÚÑEZ GARCÍA, Óscar. El celtismo galaico en la historiografía gallega de los ss. XIX y XX. *Minius*. Vigo, v. 16, p. 21-61.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire des mots*. Paris: Klincksieck.

CORNIDE, José. **Las Casiterides ó islas del Estaño, restituidas á los mares de Galicia: disertación critica, en que se procura probar que estas islas no son las Sorlingas, como pretendía en su Britania Guillermo Cambden**. Madrid: Oficina de Don Benito Cano, 1790a.

CORNIDE, José. **Mapa Corográfico de la Antigua Galicia, arreglado á las descripciones de los geógrafos griegos y romanos, con una lista de la correspondencia de los nombres antiguos á los modernos**. S.L.: S.N., 1790b.

DALCHÉ, Patrick G.. **La géographie de Ptolémée en Occident (IVe-XVIe siècle)**. Turnhout: Brepols, 2006.

DALCHÉ, Patrick G.. **Strabo's reception in the West (Fifteenth–Sixteenth Centuries)**. In: DUECK, Daniela (Ed.). **The Routledge Companion to Strabo**. Abingdon, Oxon: Routledge, 2017, p. 367-383.

DE HOZ, Javier. **Historia lingüística de la Península Ibérica en la Antigüedad I. Preliminares y mundo meridional prerromano**, Madrid: CSIC, 2010.

DE SANCTIS, Gaetano. Intorno al razionalismo di Ecateo di Mileto. *Rivista di Filologia Classica*, Torino, n° 11, 1933, p. 1-15.

DEL BARRIO SANZ, Encarnación; ARRIBAS HERNÁEZ, MARÍA L., **Plinio el Viejo: Historia Natural II**. Madrid: Gredos/ RBA, 2008.

DESERTO, Jorge; PEREIRA, Susana da H.M.. **Estrabão: Geografia. Livro III**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2016.

DOMÍNGUEZ MONEDERO, Adolfo. Píndaro y las Columnas de Hércules. **Actas del Congreso Internacional "El Estrecho de Gibraltar" (Ceuta, 1987)**, Vol. I. Madrid: UNED, 1988, p. 711-724.

DOSSIN, Georges. Grèce et Orient. *Revue Belge de Philologie et D'Histoire*. Bruxelles, v. 49, n. 1, p. 5-13.

EDOUARD, Sylvette. El "Viaje..." de Ambrosio de Morales (1572): Reliquias de santos y arqueología Cristiana de España, in: Vitse, Marc (ed.), **Homenaje a Henri Guerrero: la Hagiografía entre historia y literatura en la España de la Edad Moderna y el Siglo de Oro**. Madrid [etc.]: Iberoamericana/ Vervuert, 2005, p. 549-559.

ELÍAS DE TEJADA, Francisco; PÉRCOPO, Gabriella. **El reino de Galicia, Tomo I, Hasta 1700**. Vigo: Galaxia, 1966.

FERNÁNDEZ NIETO, F.J.. **Solino: Colección de hechos memorables**. Madrid, Gredos, 2001.





FERREIRA, J.R., **Avieno: Orla marítima**. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica.

FERRER ALBELDA, Eduardo (coord.). **La ruta de las Estrímnides. Navegación y conocimiento del litoral atlántico de Iberia en la Antigüedad**, Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2019.

\_\_\_\_\_. Cartago y la transmisión de los conocimientos geográficos sobre el extremo Occidente. *In*: CANDAU MORÓN, José M.; GONZÁLEZ PONCE, Francisco J.; CHÁVEZ REINO, Antonio L. (coords.). **Libyae Lustrare Extrema. Realidad y literatura en la visión grecorromana de África. Homenaje al Prof. Jehan Desanges**. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2008, p. 53-65.

FERRER ALBELDA, Eduardo; ALBUQUERQUE, Pedro. El conocimiento del extremo Occidente en la Grecia arcaica: las Casitérides y la geografía de los recursos, *in*: Ferrer Albelda, Eduardo (coord.). **La ruta de las Estrímnides. Navegación y conocimiento del litoral atlántico de Iberia en la Antigüedad**, 2019, p. 131-180.

FERRER ALBELDA, Eduardo; JIMÉNEZ DELGADO, José M., Kálathe/Kalathousa: una ciudad ignota del extremo Occidente. *In*: GARCÍA SÁNCHEZ, Jorge; MAÑAS ROMERO, Irene; SALCEDO GARCÉS, Fabiola (eds.). **Navigate necesse est: Estudios en homenaje a José María Luzón Nogué**. Madrid: UCM, 2015, p. 144 – 150.

FLÓREZ, Enrique. **Viage de Ambrosio de Morales por orden del Rey Don Phelipe II a los reynos de Leon, y Galicia, y Principado de Asturias, para reconocer las Reliquias de Santos, Sepulcros reales, y libros manuscritos de las Cathedrales, y Monasterios**. Madrid, Antonio Marin, 1765.

FOWLER, Robert L.. Herodotos and his contemporaries. **Journal of Hellenic Studies**. Cambridge, nº 116, 1996, p. 62-87.

FULGOSIO, Fernando. **Crónica de la provincia de la Coruña**. Madrid: Aquiles Ronchi, 1866.

\_\_\_\_\_. **Crónica de la provincia de Orense**. Madrid: Rubio y Compañía, 1868.

\_\_\_\_\_. **Crónica de la provincia de Pontevedra**. Madrid: Rubio y Compañía, 1867.

GANGUTIA ELÍCEGUI, Elvira. Hecateo y las inscripciones griegas más antiguas de la Península Ibérica. **Archivo Español de Arqueología**. Madrid, v. 72, 1999, p. 3-14.

GARCÍA ALONSO, Juan L., Nombres griegos en -ουσσα en el Mediterráneo occidental. Análisis lingüístico e histórico. **Complutum**. Madrid, 7, 1996 p. 105-124.

GARCÍA Y BELLIDO, Antonio. **Hispania Graeca**. Barcelona: Instituto Español de Estudios Mediterráneos.

GÓMEZ ESPELOSÍN, Francisco J.. El discurso ecuménico. Geografía griega e imperialismo persa en Heródoto. *In*: FORNIS, César (ed.). **Los discursos del poder/ El poder de los discursos en la Antigüedad Clásica**, Zaragoza: Pórtico, 2013 p. 37-54.

\_\_\_\_\_. Estrabón y la tradición mítica sobre el extremo occidente, *in*: Cruz Andreotti, Gonzalo (ed.), **Estrabón e “Iberia”: nuevas perspectivas de estudio**. Málaga: Universidad de Málaga, 1999 p. 63-80.

\_\_\_\_\_. Heródoto, Coleo y la Historia de España Antigua. **Polis**, Alcalá de Henares, 5, 1993a, p. 151-162.



\_\_\_\_\_. Iberia as a Barbarian Land: Perception of a Cultural Stereotype. **Ancient World**. Chicago, v. 2, n° 2, p. 131-142

\_\_\_\_\_. Tierras fabulosas del imaginario griego. In: Gómez Espelósín, Francisco J.; Pérez Lagarcha, Antonio; Vallejo Girvés, Margarita, **Tierras Fabulosas de la Antigüedad**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares, 1994, p. 101-303.

GONÇALVES, Victor S.; DINIZ, Mariana. Na segunda metade do século XIX: luzes e sombras sobre a institucionalização da Arqueologia em Portugal. **O Arqueólogo Português**. Lisboa, s. 4, n° 11-12, 1993-1994, p. 175-187.

GONZÁLEZ GARCÍA, Francisco José (coord.). **Los pueblos de la Galicia Celta**. Madrid: Akal.

GONZÁLEZ PONCE, Francisco J.. Las puertas del abismo: La visión del Estrecho de Gibraltar en la periplografía griega. **Mainake**. Málaga, n° 30, 2008, p. 59-74.

\_\_\_\_\_. Suda, s.v. Σκύλαξ. Sobre el título, el contenido y la unidad de FGrHist III C 709. **Geographia Antiqua**. Firenze, n° 6, 1997, p. 37-52.

HEIDEL, William A. "Hecataeus and Xenophanes", **American Journal of Philology**. Philadelphia, v. 64, n° 3, 1943, p. 257-277.

HERNANDO RICA, Agustín. **Contemplar un territorio: los mapas de España en el "Theatrum" de Ortelius**. [s.l.]: Ministerio de Fomento, Instituto Cartográfico Nacional, 1998.

HERRERA DELGADO, José R. **Bonsor y las Casitéridas: Transcripción y análisis crítico del manuscrito An Archaeological exploration of the Scilly Isles, 1899 - 1900**. Trabajo de Fim de Licenciatura inédito. Sevilla: Universidade de Sevilla, 2019.

HESTER, David A.. "Pelagian" – a new Indo-european Language? **Lingua**. Amsterdam, v. 13, 1965, p. 335-384.

HOLMES, Thomas R.. **Ancient Britain**. Oxford: Clarendon Press, 1907.

HOOGLIET, Margriet. The medieval texts of the 1468 Ptolemy edition by Johan Reger of Ulm. **Imago Mundi**. London, n. 54, v. 1, 2002, p. 7-18.

HROZNY, Bedrich. Sur des peuples Kaspiens. **CRAI**. Paris, v. 83-84, 1939, p. 346-347.

HÜSING, G.. "Miscellen". **Orientalistische Literaturzeitung**. Münster, v. 10, 1907, p. 23-27.

KAGAN, Richard L. La corografía en la Castilla moderna. Género, Historia, Nación. **Studia Storica: Historia Moderna**. Salamanca, n. 13, 1995, p. 47-59.

LATEINER, Donald. **The Historical Method of Herodotus**. Toronto: University of Toronto Press, 1989.

MAIRECOLAS, Mélanie; PAILLER, Jean-Marie. Sur les «voies de l'étain» dans l'ancien Occident: quelques jalons. **Pallas**. Toulouse, n. 82, 2010, p. 139-167.

MANGAS, Julio; PLÁCIDO, Domingo (eds.). **Testimonia Hispaniae Antiquae IIA**, La Península Ibérica en los autores griegos: de Homero a Platón. Madrid: Fundación de Estudios Romanos, 1998.

MANSO PORTO, Carmen. **Real Academia de la Historia: Selección de cartografía histórica (siglos XVI-XX)**. Madrid: Real Academia de la Historia, 2012.

MASDEU, Juan F. **Historia crítica de España y de la Cultura Española, Vol. II**. Madrid: por don Antonio de Sancha, 1783.

\_\_\_\_\_. **Historia crítica de España y de la Cultura Española, Vol. XVI, Suplementos a los quince antecedentes**. Madrid: por don Antonio de Sancha, 1796.



MOLINA MARÍN, Antonio I., Jonios a la sombra del Gran Rey: imperialismo y geografía. **Antigüedad y Cristianismo. Monografías históricas sobre la Antigüedad-Tardía**, Murcia, nº 27, 2010, p. 75-90.

MONTEAGUDO, Luis. Localização das Cassitérides e Oestrymnides. **Revista de Guimarães**. Guimarães, v. 67, n. 3-4, 1957, p. 372-416.

MORALES, Ambrosio de. **Los otros dos libros, undécimo y duodécimo de la Crónica General de España**. Alcalá de Henares: Iñíguez de Lequerica, 1577.

MORET, Pierre. La formation d'une toponymie et d'une ethnonymie grecques de l'Ibérie: étapes et acteurs". In: CRUZ ANDREOTTI, Gonzalo; LE ROUX, Patrick; MORET, Pierre (eds.). **La invención de una geografía de la Península Ibérica I. La época republicana**. Málaga: Universidad de Málaga, p. 39-76.

MOSCARELLI, Enrico. Ecateo: veriche e proposte. **Atti della Accademia Pontaniana**. Napoli, nº 42, p. 129-146.

MOURE CASAS, Ana M.. **Plinio el Viejo: Historia Natural. Libros XII-XVI**; Madrid: Biblioteca Clásica Gredos.

NENCI, Giuseppe. L'Occidente barbarico, in: **Hérodote et les peuples non grecs**. Genève: Fondation Hardt, 1990, p. 301-318.

NENCI, Giuseppe. La filobarbarie di Ecateo nel giudizio di Eraclito. **Rivista di Filologia Classica**, Torino, nº 77, 1949, p. 107-117.

NICOLAI, Roberto. Pater Semper incertus. Appunti su Hecateo. **Quaderni Urbinati di Cultura Classica**, Torino, v. 56, nº 2, 1997, p. 143-164.

NOBBE, K.F. **Claudii Ptolemaei Geographia**. Leipzig: Teubneri, 1843.

OLIVARIUS, Pedro J.. **Pomponii Melae De Situ Orbis Libri III [...]**. Paris: Henricum Stephanum, 1577.

ORTELIUS, Abraham. **Abrahami Ortelii Antverpiani Synonymia Geographica [...]**. Antuerpia: Officina Christophori Plantini, 1578.

\_\_\_\_\_. **Abrahami Ortelii Antverpiani Thesaurus Geographicus [...]**. Antuerpia: Officina Christophori Plantini, 1587.

\_\_\_\_\_. **Abrahami Ortelii Antverpiani Thesaurus Geographicus [...]**. Antuerpia: Officina Plantiniana, 1596.

PÉREZ QUINTERO, Miguel I.. **Disertación critico-topográfica de las Casite-rides, restituidas á su verdadero sitio por haberlas dislocado el inglés Cambdeno y otros sabios extranjeros, cuya sentencia ha sostenido nuevamente el eruditísimo señor abate D. Juan Francisco de Masdeu**. Sevilla, Imprenta De Vazquez é Hidalgo, 1790.

RAMIN, Jacques. **Le problème des Cassitérides et les sources de l'étain occidental depuis les temps protohistoriques jusqu'au début de notre ère**. Paris: Piccard.

REGUERA RODRÍGUEZ, Antonio T.. **La obra geográfica de Martín Sarmiento**. León: Universidad de León, 2006.

REINACH, Salomon. Kassiteros. **Revue Celtique**. Paris, v. 15, 1894, p. 107.

\_\_\_\_\_. L'étain celtique. **L'Anthropologie**. Paris, v. 3, p. 275-281.

RHYS, John. **Celtic Britain**. London: Society for promoting Christian Knowledge.

RICHARDSON, Richard. William Camden and the rediscovery of England. **Transactions of the Leicestershire Archaeological and Historical Society**. Leicestershire, v. 78, 2004, p. 108-123.



RIOBÓO Y SEIJAS, Antonio. *Descripción chorographica y topográfica anti-gua de el Reino de Galicia en la extensión que tubo desde su primera población asta el tiempo en que lo inuadieron los Suevos*, Manuscrito inédito, c. 1749.

RODRÍGUEZ ADRADOS, Francisco. Más sobre Iberia y los topónimos griegos". *Archivo Español de Arqueología*, Madrid, v. 74, 2001, p. 25-33.

ROHL, Darrell J.. Chorography: History, theory and potential for Archaeological Research". *In: Duggan, Maria; McIntosh, Frances; Rohl, Darrell J., Trac 2011: Proceedings of the Twenty-First Annual Theoretical Roman Archaeology Conference*. Oxford: Oxbow Books, 2012, p. 19-32.

SÁEZ ROMERO, Antonio; GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco J.; FERRER ALBELDA, Eduardo; RODRÍGUEZ CORRAL, Javier; CASTIÑEIRA REY, Josefa. Proyecto Estrímnides: Resultados preliminares. *In: FERRER ALBELDA, Eduardo (coord.). La ruta de las Estrímnides. Navegación y conocimiento del litoral atlántico de Iberia en la Antigüedad*, Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2019, p. 571-652.

SAMMES, Aylett. *Britannia Antiqua Illustrata: Or, The Antiquities of Ancient Britain, derived from the Phoenicians [...]*, Tho. Roycroft, London, 1676.

SCHULTEN, Adolf. *Tartessos*. Madrid: Espasa – Calpe.

SILBERMAN, Alain. *Pomponius Mela: Chorographie*. Paris: Les Belles Lettres, 1988.

SMITH, Lucy T.. *The itinerary of John Leland in or about the years 1535-1543, Parts I to III*. London: Georges Bell & Sons, 1907.

TAÍN GUZMÁN, Miguel. O Barroco. *In: Vigo Trasancos, Alfredo (coord.), Fontes escritas para a historia da arquitectura e do urbanismo en Galicia (séculos XI – XX)*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2000, p. 505-909.

THA IIA: v. Mangas e Plácido, eds.

TORRES ESBARRANCH, Juan J.. *Diodoro: Biblioteca histórica*. Madrid: Gredos, 2004.

TOZZI, Pierluigi. Studi su Ecateo de Mileto IV. La ΙΣΤΟΡΗ di Ecateo. *Athenaeum*. Pavia, n° 44, 1966, p. 41-76.

VICETTO, Benito. *Historia de Galicia. Tomo I*. Montevideo: Imprenta de la colonia española, 1865.

WEISS, Benjamin. The Geography in Print. 1475-1530. *In: SHALEV, Zur; BURNETT, Charles (eds.). Ptolemy's "Geography" in the Renaissance*, London, Torino: Warburg Institute e Nino Aragno Editore, 2011, p. 91-120.